

ANÁLISE DE ESTRATÉGIAS DE TRADUÇÃO SOB A PERSPECTIVA DA APRENDIZAGEM COLABORATIVA SEGUNDO A CLASSIFICAÇÃO DE CHESTERMAN

ANALYSIS OF TRANSLATION STRATEGIES UNDER THE PERSPECTIVE OF COLLABORATIVE LEARNING ACCORDING TO THE CLASSIFICATION OF CHESTERMAN

Maria Elizete Pereira dos Anjos¹
Dr. Ariovaldo Lopes Pereira²

Resumo: O presente trabalho é um recorte de pesquisa mestrado em andamento em Educação, Linguagem e Tecnologias, na linha de pesquisa denominada Linguagens e Práticas Sociais. Objetiva analisar as estratégias empregadas por estudantes do curso de licenciatura em Letras no momento da tradução de textos do inglês para o português brasileiro. Para tanto, adotou-se a classificação proposta por Chesterman (1997), que define as estratégias: Gramaticais, Semânticas e Pragmáticas. Sob a perspectiva epistemológica, valemo-nos de teorias da tradução e estratégias de tradução a partir das premissas de autores como Hargreaves (2004), Oustinoff (2011), Romanelli (2011), Pagano, Alves e Magalhães (2014), Bell Santos (2011), Costa (2008) e Lucindo (2006), para os quais traduzir é um ato de compreensão da própria língua e o inacabamento e a arduidade da tradução pode outorgar inúmeras possibilidades de trabalhar com ela. Tratamos, ainda, da teoria sociocultural de Vygotsky (1998) e concepções sobre a aprendizagem colaborativa (FIGUEREDO, 2001; SABOTA, 2002; 2008), segundo as quais a aprendizagem é facultada pela interação e colaboração entre os pares. Para empreender os objetivos propostos, foram feitas observações e gravações de aulas em áudio e vídeo envolvendo alunos do curso de licenciatura em Letras da Universidade Estadual de Goiás, Campus Posse, durante atividades de tradução coletiva de dois textos científicos e dos diários de Anne Frank e de Charles Darwin. Neste recorte serão apresentados apenas excertos do diário de Charles Darwin. A Unidade de Tradução (UT) eleita para análise foi o período; porém, dentro desta unidade foram destacadas orações, frases e palavras em que foram observadas ocorrências das estratégias de tradução. Os resultados parciais das análises mostram que o ato tradutório se reveste de reexpressões de sentido, passa por manipulação textual e está condicionado à compreensão do sentido que as palavras adquirem no contexto, em práticas sociais de uso das línguas inglesa e portuguesa. Isso denota que a prática de tradução, na perspectiva do processo de ensino-aprendizagem de línguas, constitui-se também em conjuntura favorável à compreensão de que a linguagem é indissociável de um contexto imediato e sócio-histórico.

Palavras-chave: Estratégias de tradução. Aprendizagem colaborativa. Chesterman

¹ Mestranda em Educação, Linguagem e Tecnologias no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias (PPG-IELT) da Universidade Estadual de Goiás, Campus Anápolis de CSEH/UEG.

² Doutor em Linguística Aplicada e Docente da Universidade Estadual de Goiás.

Abstract: This paper is part of a research in progress at the master's degree program in Education, Language and Technologies, in the research line called Languages and Social Practices. It aims to analyze the strategies used by students of the Teaching Degree Course in Languages on text translated from English into Brazilian Portuguese. Therefore, we adopted the classification proposed by Chesterman (1997), who considers the following translation strategies: Grammatical, Semantic and Pragmatic. Under the epistemological perspective, we have used the theories of translation and translation strategies from the premises of authors such as Hargreaves (2004), Oustinoff (2011), Romanelli (2011), Pagano, Alves and Magalhães (2014), Bell and Santos (2011), Costa (2008) and Lucindo (2006), for whom translating is an act of understanding of the language itself and the translation incompleteness and hardness can grant numerous possibilities to work with it. We have also taken the sociocultural theory of Vygotsky (1998) and theories about collaborative learning (FIGUEREDO, 2001; SABOTA, 2002; 2008), according to which learning is provided by the interaction and peer collaboration. In order to achieve the proposed objectives we made class observations and audio and video recordings involving students of Teaching Degree Course in Languages from the State University of Goiás, Campus Posse, during collective translation activities of two scientific texts and two diaries (of Anne Frank and Charles Darwin). In this paper we present only Charles Darwin's diary excerpts. The Translation Unit (UT) chosen for analysis was the period, but within this unit were highlighted sentences, phrases and words in which were observed instances of translation strategies. Partial results of the analysis show that the act of translation is of restatements on meaning, passes through textual manipulation and is subject to the understanding of the meaning that the words acquire in the context of social practices of use of English and Portuguese. It indicates that the practice of translation from the perspective of teaching-learning language process is also up in favorable understanding that language is inseparable from an immediate and social-historical context.

Key words: Translation strategies. Collaborative learning. Chesterman

Introdução

O presente artigo é resultado parcial de pesquisa de mestrado em andamento em Educação Linguagens e Tecnologias, na linha de pesquisa Linguagens e Práticas Sociais. Intenta analisar as estratégias empregadas por estudantes do curso licenciatura em Letras no momento da tradução de textos do inglês para o português brasileiro. Para tanto, adotou-se a classificação proposta por Chesterman (1997), o qual define as estratégias como: Gramaticais, Semânticas e Pragmáticas. Está organizado em duas partes. A primeira apresenta teorias da tradução e estratégias de tradução considerando as premissas de Hargreaves (2004), Oustinoff (2011), Romanelli (2011), Pagano, Alves e Magalhães (2014), Bell Santos (2011), Costa (2008) e Lucindo (2006), segundo os quais, traduzir se constitui em um ato de compreensão da própria língua e o inacabamento e a arduidade da tradução pode outorgar inúmeras possibilidades de trabalhar com ela; das concepções sobre a aprendizagem colaborativa (FIGUEREDO, 2001; SABOTA, 2002; 2008) entre outros, em que a aprendizagem é

facultada pela interação e colaboração entre os pares. A segunda parte expõe um excerto de uma das aulas assistidas, seguida de análise das estratégias adotadas pelos alunos do curso licenciatura em Letras da Universidade Estadual de Goiás, Campus Posse, durante atividades de tradução coletiva de dois textos científicos e de dois diários (de Anne Frank e de Charles Darwin).

Neste recorte serão apresentados apenas excertos do diário de Charles Darwin. A Unidade de Tradução (UT) eleita para análise foi o período, porém dentro desta unidade foram destacadas orações, frases e palavras em que foram observadas ocorrências das Estratégias de Tradução. Os resultados parciais das análises mostram que o ato tradutório se reveste de reexpressões de sentido, passa por manipulação textual e está condicionado à compreensão do sentido que as palavras adquirem no contexto, em práticas sociais de uso da língua inglesa e portuguesa.

Embora sejam várias as teorias que colaboram para a compreensão da aprendizagem colaborativa, a base epistemológica de análise da atividade tradutória colaborativa da qual trataremos neste trabalho é oriunda da teoria sociocultural (VYGOTSKY, 1998), que concebe a aprendizagem como um processo que se dá por meio das relações socioculturais ao mesmo tempo em que a atribui à origem da inteligência humana na sociedade e na cultura (LANTOLF, 2001; WELLS, 1999).

Tradução: um ato linguístico colaborativo no ensino de língua inglesa

A partir do entendimento de que o conhecimento não é neutro, mas constitui em produto de crenças, valores e interesses de uma comunidade (OUSTINOFF, 2011) segundo a qual a língua se reveste de um sentido ideológico, será evidenciado neste estudo como a compreensão do processo tradutório pode colaborar no processo de ensino-aprendizagem de línguas. O ato tradutório consiste em uma propriedade da linguagem em que, tanto para o linguista quanto para o usuário comum do idioma, o sentido conferido à palavra se constitui em sua tradução por outro signo que possa permutá-lo, revelando-se, assim, como uma aplicação especial da capacidade linguística humana (EMMEL, 1990).

A tradução, do grego, *traductio*, pode significar passar de um estado para o outro. Dessa forma, promove uma condição de interação, podendo, no entendimento de Gorovitz (2001), ser compreendida como situação de passagem entre culturas e realidades, entre línguas, autores, obras e leitores, conforme assegura Nida (2000, p. 128): “*a translator*

purpose may involve much more than information. He may, for example, want to suggest a particular type of behavior by means of translation”.

Traduzir, destarte, não se limita apenas a uma simples transposição de uma língua para outra, mas envolve a bagagem cultural de ambas as línguas, ou seja, o tradutor traduz de uma cultura para a outra. É, sobretudo, uma forma de ler e interpretar o mundo, a sociedade. Na tarefa de ler e entender as relações que acontecem entre os indivíduos, quem traduz tem a oportunidade de estabelecer uma relação subjetiva com a realidade, o que revela uma forma de compreender o modo de o outro agir e viver (CAMPOS, 1986; MENDANHA, 2016).

As asserções acima corroboram os argumentos de Anjos (2016) e Jakobson (2000) quando advogam que, à função comunicativa da tradução, juntamente com a função linguística, deve ser adicionada a função intercultural a partir do entendimento de que o ato de traduzir um texto não pode ser reduzido apenas à busca de equivalentes linguísticos, a transferência irrefletida de itens lexicais e de estruturação morfossintática, mas trata-se de um processo de passagem, de comparação entre as duas línguas, sugerindo a consideração do contexto e dos cenários em que os dois textos foram produzidos.

Faz-se mister ponderar que a dimensão tradutória sobre a qual discorreremos é a “pedagógica”, um tipo essencial de tradução, no qual o texto traduzido é utilizado, sobretudo, como ferramenta de aprimoramento da proficiência em relação à língua alvo do aprendiz. Relaciona-se, pois, às práticas de percepção ou comprovação do conhecimento das estruturas da LE, com vistas ao ensino e aprendizagem de línguas (LUCINDO, 2006). Difere-se, portanto, da dimensão “real” em que o texto traduzido não se constitui em ferramenta, mas o escopo principal do processo. Neste aspecto, a tradução demanda informações sobre a realidade em textos originais, ao passo que na tradução pedagógica, o que se objetiva é a averiguação do grau de proficiência do aluno em relação à língua alvo (BELL-SANTOS, 2011; COSTA, 2008).

À luz de tais constatações, deduzimos que o ato tradutório já encerra em si uma dimensão coletiva e colaborativa, considerando, conforme já exposto, o envolvimento que acontece entre culturas e realidades, entre línguas, autores, obras e leitores.

A base epistemológica de análise da atividade tradutória colaborativa da qual trataremos neste trabalho é oriunda da teoria sociocultural (VYGOTSKY, 1998), que concebe a aprendizagem como um processo que se dá por meio das relações socioculturais (LANTOLF, 2001; WELLS, 1999).

Uma proposta colaborativa caracteriza-se pela participação ativa aprendiz no processo de aprendizagem; mediação da aprendizagem feita pelos docentes; construção coletiva do conhecimento, que acontece por meio da troca entre pares, de suas reflexões, de seus debates e questionamentos; interatividade entre os indivíduos que atuam no processo; instigação dos processos de expressão e comunicação; flexibilização dos papéis no processo das comunicações e das relações com o intuito de chegar a uma construção coletiva do saber; desenvolvimento da autonomia do aluno no processo ensino-aprendizagem; valorização da liberdade com responsabilidade; valorização do processo e não do produto. (TORRES, 2004).

Nesta perspectiva, analisaremos as estratégias de tradução adotadas pelos estudantes numa perspectiva colaborativa a partir da classificação proposta por Chesterman (1997), a saber: Gramaticais, Semânticas e Pragmáticas e, mais precisamente, relataremos o processo tradutório enfatizando as negociações e decisões de tradução adotadas pelo grupo de estudantes participantes desta pesquisa. Para Chesterman (1997, p. 2), “[...] estratégia é um processo que oferece uma solução para um problema de tradução através de manipulação textual explícita”.

O ato de conduzir o tradutor em formação a desenvolver estratégias de tradução está revestido da intenção de conscientizá-lo da complexidade desse processo e, sobretudo, da imprescindibilidade de monitorar suas ações e averiguar com cuidado as decisões tomadas ao longo do processo tradutório. A antevisão desse tradutor compreende um redimensionamento do conceito de aprender, o qual passa a requerer que o aprendiz se torne diretamente responsável pela própria aprendizagem (ALVES; MAGALHÃES; PAGANO, 2014).

Serão apresentadas a seguir quatro situações em que foram observadas estratégias tradutórias pelos participantes da pesquisa.

Traduzindo estratégias: as contribuições de Chesterman

Os excertos que seguem foram extraídos do texto: “*Charles Darwin Diary*” trabalhados em uma aula na ocasião em que os dados foram coletados. A análise feita por nós baseia-se na classificação de estratégias de tradução proposta por Chesterman (1997) e considera os princípios da aprendizagem colaborativa.

Faz-se conveniente elucidar que foram observadas as maneiras como os participantes da pesquisa lidam com o texto na língua estrangeira até chegar à melhor tradução no texto alvo. Nessa perspectiva, procurou-se enfatizar mais o processo do que o produto final, por meio da análise das estratégias mais recorrentes, da caracterização do ambiente colaborativo e

do “contexto de trabalho conjunto evidenciado com as trocas de ideias entre os aprendizes, na busca da melhor compreensão e leitura dos textos” (MENDANHA, 2016, p. 20).

O contexto da coleta de dados da aula foi a disciplina Inglês III do curso licenciatura em Letras da Universidade Estadual de Goiás, Campus Posse. Para isso foi feita observação e gravação de aulas em áudio e vídeo envolvendo dezenove estudantes do terceiro ano do referido curso. O texto escolhido pela pesquisadora para realizar a atividade de tradução pertence ao tipo textual informativo e ao gênero diário. Foi extraído do livro *Dear Diary- Stage 2, A Collection of the Best World’s Best Diaries*, editado por Liz Ferreti. O diário trabalhado na aula foi o de Charles Darwin.

A Unidade de Tradução (UT) escolhida para análise foi o período, porém dentro desta unidade foram destacadas orações, frases e palavras em que há ocorrências das Estratégias de Tradução propostas por Chesterman (1997). Neste trabalho serão apresentadas 3 das 13 ocorrências de estratégias observadas durante a aula.

(A professora inicia a aula informando aos alunos que esta atividade seria continuidade da anterior e, que da mesma forma, seria trabalhado um diário, desta vez, de Charles Darwin).

Professora: *Bem, na aula passada vimos o diário de Anne Frank né ? Todo mundo lembra, né? Hoje eu trouxe... nós trouxemos o do cientista Charles Darwin.*

(Enquanto distribuía atividades xerocopiadas para os alunos, a professora fazia questionamentos):

Professora: *Tenho certeza de que todo mundo já ouviu falar de Darwin...estudaram Biologia no Ensino Médio, não é?*

Alunos: *Sim. Foi um grande cientista.*

Aluno: *Foi aquele que estudou a origem das espécies.*

Professora: *Sim...inclusive escreveu um livro sobre isso. Mas para isso ele teve que pesquisar muito...viajar muito...aqui neste fragmento do diário de Darwin vocês irão ver isso...mas agora eu gostaria que todos fizessem a leitura silenciosa do texto...observando as palavras que mais se repetem...ou seja, as palavras-chave do texto...tentem apreender o sentido geral do texto sem traduzir ainda...só entender mesmo. Não utilizem dicionários agora.*

(Os alunos fazem a leitura silenciosa do texto por mais ou menos dez minutos).

Professora: *Bem...agora que todos leram, podem nos dizer o que viram de mais importante no texto sobre Darwin?*

(Após a leitura silenciosa, professores e alunos conversam sobre a vida de Charles Darwin, destacando seus principais feitos para a Ciência, que não serão relatados neste recorte. A

professora inicia a leitura e em seguida pede aos alunos que façam a tradução do primeiro período do texto).

1[*Charles Darwin was an English scientist who said that all life changes over time*].

(Em um primeiro momento os alunos, divididos em grupos de três, conversam entre si e optam pela seguinte tradução):

Charles Darwin foi um cientista que disse que toda vida muda sobre o tempo. (G1)

(Observa-se no trecho 1 a ocorrência da estratégia de tradução intitulada: TRADUÇÃO LITERAL - G1. Na tradução literal, o texto é traduzido o mais próximo possível da língua de partida (CHESTERMAN, 1997). No entanto, outro grupo percebe inadequação no excerto e sugere):

Aluno 1: “*Sobre o tempo*” ficou sem sentido.

Aluno 2: *Sim... “com o tempo” acho que seria mais adequado.*

(O grupo que fez a primeira tradução concorda com a sugestão do aluno 2, porém um outro grupo prefere consultar o tradutor *online* para obter outras sugestões para o trecho: “*over time*” e descobre que essa expressão pode ser traduzida como “*ao longo do tempo*”).

Aluno: *Ótimo. Agora ficou ótimo: “ao longo do tempo”*

(No final os estudantes decidem pela seguinte tradução):

*Charles Darwin foi um cientista que disse que toda vida muda **ao longo do tempo.*** (S1)

Neste período os alunos iniciam o processo tradutório valendo-se da TRADUÇÃO LITERAL (G1); no entanto, o excerto exige outras adequações para ganhar sentido no *target text* (TT), fazendo com que os estudantes decidam pela estratégia SINÔNÍMIA (S1), que, de acordo com as classificações de Chesterman (1997), trata-se do uso de palavras ou expressões com a mesma ou quase a mesma significação.

Observa-se, com a tentativa de tradução literal deste excerto, comprometimento do sentido do período, o que corrobora com a assertiva de Gorovitz, (2001, p. 13), quando advoga que “o ato tradutório não pode ser apreendido exclusivamente em termos de transmissão de mensagem”. Este ato também não se define como uma atividade de cunho exclusivamente estético, ainda que possa estar estreitamente vinculado à prática literária.

O ato tradutório, nos contextos de formação de professores de língua estrangeira, deve ser visto como uma prática que cria ligações, que estabelece vínculos entre as pessoas, que gera interfaces. Com isso, o texto traduzido, a obra em movimento, abarcará as condições socioculturais em que foi produzido, e para o qual está sendo traduzido, o que pode evitar a ocorrência de traduções artificiais e sujeitas a desvios e enganos linguísticos.

No caso específico, o surgimento de um *idiom* no texto da LE criou uma situação-problema que levou os estudantes à interação, a negociações de tradução de forma colaborativa e cooperativa para que chegassem a decisões de traduções mais adequadas por meio da busca de equivalentes no texto alvo.

Observa-se que a colaboração dos estudantes no momento das decisões de tradução foi fundamental para que o texto traduzido abarcasse as condições em que foi escrito e ganhasse sentido no TT. Uma das ideias fundamentais que a aprendizagem colaborativa encerra é a de que o conhecimento é construído socialmente, por meio da interação entre pessoas e não pela transferência irrefletida de informações do professor para o aluno.

Destarte, o processo de colaboração teve o potencial de gerar uma aprendizagem mais significativa, promovendo reflexão crítica entre os envolvidos no processo de tradução, auxiliando no desenvolvimento de habilidades de interação, negociação de informações e resolução de problemas, o que colabora para que aprendizes de uma língua estrangeira tornem-se mais responsáveis por sua aprendizagem, levando-os a absorver conceitos e a construir conhecimentos de maneira mais crítica, reflexiva e autônoma.

(O período seguinte é lido pelo aluno W., que, inicialmente propõe uma TRADUÇÃO LITERAL - G1):

W.: 2 [*Between 1831 and 1836, Darwin travelled round the world on a sailing ship, called H.M.S. Beagle*].

Tradução do aluo W.: *Entre 1831 e 1836, Darwin viajou pelo mundo em um veleiro, chamado H.M.S Beagle.* (G1)

(Feita a primeira negociação de tradução, os demais componentes do grupo propõem alterações no trecho traduzido, configurando o uso da estratégia intitulada MUDANÇA DE INFORMAÇÃO - Pr3, que resultou na seguinte versão):

Aluo: ***Entre os anos de 1831 e 1836, Darwin viajou pelo mundo inteiro a bordo de um veleiro, chamado H.M.S Beagle.*** (Pr3)

(Nos trechos em negrito houve ocorrência da estratégia MUDANÇA DE INFORMAÇÃO - Pr3, que se refere à adição de informação relevante para o texto alvo, ou omissão de informação irrelevante do texto fonte (Chesterman, 1997), sendo que no caso específico houve adição das expressões “entre os anos” e “a bordo”, ambas implícitas no texto-fonte, ou *source text* (ST).

(A negociação de tradução realizada para o trecho supracitado aconteceu no mesmo grupo do aluno que construiu a primeira versão do trecho; no entanto, os demais estudantes, ao lerem o

resultado da tradução, compreenderam que poderiam aprimorá-la. Logo, em um processo interativo, reflexivo e colaborativo com os demais colegas, optaram pela segunda versão).

John Dewey (1971) já propunha que em ambiente escolar fossem proporcionadas situações sociais que preparassem o aluno para exercer a autonomia e democracia. Isso pode se constituir na organização de pequenos grupos de resolução de problemas, formados por alunos em busca de suas próprias respostas e aprendendo os princípios da democracia, da autonomia e da colaboração através da interação com os seus pares.

Estudiosos como Marrow (1969) e Dewey (1971) defendiam que a sala de aula deveria ser um laboratório ou uma democracia em miniatura, com o objetivo de se fomentar o estudo e a pesquisa de problemas interpessoais e sociais importantes. Essa postura colabora para que a escola cumpra seu papel social de formar indivíduos conscientes do lugar que o conhecimento ocupa em suas vidas e que sejam capazes de criar e de recriar conhecimentos de acordo com as exigências dos diferentes contextos socioculturais em que estiverem inseridos.

A interação proposta em pequenos grupos para “resolver os problemas” aqui tratados, a saber, tradução de trechos do diário de Charles Darwin, parece realçar na aprendizagem, mais do que em um esforço individual. Mostra o acontecimento de uma aprendizagem mais efetiva, assim como um trabalho mais eficiente, realizado de forma colaborativa e social, em vez de competitiva e isolada. Nesse contexto, a troca de ideias com os colegas provoca reflexões sobre o impacto do texto traduzido na LE levando à utilização de novas estratégias que colaborem para que o TT ganhe sentido no contexto para o qual está sendo traduzido.

Isso significa que há um redimensionamento das concepções sobre como acontece a aprendizagem ora vista como unilateral, hierárquica, e passa ser vista como algo a ser construído juntamente com o “par mais competente” por meio da interação e colaboração (VYGOTSKY, 1998). Em outras palavras, pressupõe que o aprendiz se torne autônomo para escolher os caminhos mais adequados para resolver seus problemas, que seja capaz de selecionar e gerenciar suas ações de forma crítica e reflexiva de forma que respondam aos seus interesses pessoais ou grupais e busque formas de apreensão e “utilização de conhecimentos que sejam mais apropriados ao seu estilo individual de aprendizagem” (p.7).

Considerações finais

O presente trabalho objetivou analisar as estratégias tradutórias utilizadas por estudantes do curso licenciatura em Letras da Universidade Estadual de Goiás, Campus Posse,

durante atividades de tradução coletiva de excertos de um diário de Charles Darwin. Para proceder à análise, adotou-se a classificação proposta por Chesterman (1997), a qual classifica as estratégias de tradução como: Gramaticais, Semânticas e Pragmáticas.

Adotou-se como Unidade de Tradução o período, porém dentro desta unidade foram destacadas orações, frases e palavras em que foram observadas ocorrências das Estratégias de Tradução.

A base epistemológica de análise da atividade tradutória colaborativa adotada é oriunda da teoria sociocultural (VYGOTSKY, 1998), que concebe a aprendizagem como um processo que se dá por meio das relações socioculturais ao mesmo tempo em que atribui à origem da inteligência humana na sociedade e na cultura.

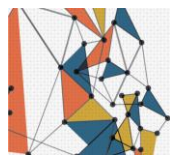
Os resultados parciais das análises mostram que o ato tradutório se reveste de reexpressões de sentido, passa por manipulação textual e está condicionado à compreensão do sentido que as palavras adquirem no contexto, em práticas sociais de uso da língua alvo (língua de partida) e da língua portuguesa (língua de chegada).

Denotam também que o trabalho colaborativo de tradução auxilia na participação ativa do aprendiz no processo de aprendizagem de língua inglesa por meio da mediação da aprendizagem feita pelo docente e estudantes, proporcionando a construção coletiva do conhecimento, que acontece por meio da troca entre pares, de suas reflexões, de seus debates e questionamentos e da interatividade entre os indivíduos que atuam no processo, além de favorecer o desenvolvimento da autonomia.

A ideia de levar o futuro professor de língua inglesa em formação a desenvolver estratégias de tradução está revestida da intenção de conscientizá-lo da complexidade deste processo e, sobretudo, da imprescindibilidade de monitorar suas ações e averiguar com cuidado as decisões tomadas ao longo do processo tradutório e, com isso, construir formas conscientes, reflexivas, colaborativas e interventivas no processo ensino-aprendizagem de língua inglesa.

Referências

ANJOS. Maria Elizete P. dos. Conceptions of translation strategies: lexical-semantic, morphosyntactic and intercultural issues in *The Ballad of Reading Jail*, Oscar Wilde. *Languages & Linguistics Abstracts*. Ninth Annual International Conference on Languages & Linguistics, 4-7 July 2016, Athens, Greece. Edited by Gregory T. Papanikos. Acesso em 24/07/16.



ALVES, Fábio. Estratégia de busca de internos: memória e mecanismos inferenciais. In: PAGANO, Adriana, MAGALHÃES, Célia, ALVES, Fábio. (org). **Traduzir com autonomia**: estratégias para o tradutor em formação. 4. ed. São Paulo: Contexto: 2014.

BELL-SANTOS, C. A. **Tradução e cultura**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2011.

CAMPOS, Geir. **O que é tradução**. São Paulo: Brasiliense, 1996.

CHESTERMAN, Andrew. **Memes of Translation**: The Spread of Ideas in Translation Theory. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins, 1997.

COSTA, A. P. A. T. Traduzir para comunicar: a tradução como componente comunicativo no ensino-aprendizagem de inglês como língua estrangeira. 195 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Universidade de Brasília, 2008.

EMMEL, I. Linguística e ciência da tradução: existe alguma relação? Cadernos de Tradução, Florianópolis, Brasil, 1990.

GOROVITZ, Sabine, A tradução enquanto situação de passagem. In: SANTOS, Cynthia Ann Bell dos; BESSA, Cristiane Roco; HATJE-FAGGION, Válmi; SOUSA, Germana Pereira Henriques de (Orgs.). **Tradução e cultura**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2011.

DEWEY, J. **Experiência e educação**. Trad. Anísio Teixeira. São Paulo: Nacional, 1971.

FIGUEIREDO, F. J. Q. de. **Correção com os pares**: os efeitos do processo da correção dialogada na aprendizagem da escrita em língua inglesa. 2001. Tese (Doutorado em Letras: Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.

HARGREAVES, L. E. S. Além da língua: Tradução e consciência crítica de cultura no ensino de línguas estrangeiras. (Dissertação) - Mestrado em Linguística Aplicada, Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, Universidade de Brasília, 2004.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 2008.

LANTOLF, J. P. The sociocultural Approach to Second Language Acquisition: Sociocultural Theory, Second Language Acquisition, and Artificial L2 Development. In: ATKINSON, D. (org). **Alternative Approaches to Second Language Acquisition**. Londres/Nova York: Routledge, 2011, p. 24-47.

LUCINDO, E. S. Tradução e ensino de línguas estrangeiras. **Scientia Traductionis**, v. 1, p. 3, 2006.

MAGALHÃES, Célia. Estratégias de análise microtextual: os níveis lexical e gramatical. In: PAGANO, Adriana; MAGALHÃES, Célia; ALVES, Fábio. (orgs.). **Traduzir com autonomia**: estratégias para o tradutor em formação. 4. Ed. São Paulo: Contexto: 2014.

MARROW Alfred. **The Practical Theorist**. London/Toronto: Basic Book Inc, 1969.

NIDA, Eugene. Principle of correspondence. In: LAWRENCE, Venuti. **The translation studies reader**. Routledge: London, 2000.

OUSTINOFF, M. **Tradução**: história, teorias e métodos. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2011.

PAGANO, Adriana. Estratégia de busca de externos: fontes textuais e recursos computacionais. In: PAGANO, Adriana; MAGALHÃES, Célia; ALVES, Fábio. (orgs.).

Traduzir com autonomia: estratégias para o tradutor em formação. 4. Ed. São Paulo: Contexto: 2014.

PEIXOTO, Sanderson Mendanha. Tradução automática e revisão [manuscrito]: um estudo de caso sobre o Google tradutor numa perspectiva colaborativa de aprendizagem . 181 f. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Goiás. Anápolis, 2016.

ROMANELLI, S. Traduzir ou não traduzir em sala de aula? Eis a questão. **Revista dos Estudantes de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Bahia**, v. 10, n. 3,14 Maio/2006. Disponível em <<http://www.inventario.ufba.br/05/05sromanelli.htm>>. Acesso em: 10 jul. 2016.

SABOTA, B. **Leitura em Língua Inglesa:** a resolução colaborativa de exercícios de compreensão textual. 147f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Letras, 2002.

TORRES, Patrícia Lupion. **Laboratório on-line de aprendizagem:** uma proposta crítica de aprendizagem colaborativa para a educação. Tubarão: Ed. Unisul, 2004.

_____. **Pensamento e Linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1978.

_____. **formação social da mente.** 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998

WELLS, G. **Dialogic inquiry:** Towards a sociocultural practice and theory of education. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.